

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas

Bruna Moraes Battistelli¹
Janaína Mariano César²
Marcia Roxana Cruces Cuevas³

Resumo

O presente texto-conversa objetiva visibilizar experiências de cuidado com a formação na universidade pública em tempos pandêmicos, instigando um exercício gestual de atenção ao que ocorre no miúdo da aula. Para isso, discutimos duas experiências distintas; duas disciplinas, no curso de Psicologia, na Universidade Federal do Espírito Santo: a partir da experiência com a arte têxtil conhecida como *arpilleras* (primeira experiência) e com as rodas de conversas (segunda experiência); duas formas de reencantar a vida: tecer e conversar. As experiências ajudam-nos a pensar o encantamento dos processos formativos cotidianos. Busca-se atentar para gestos do cuidado em sala de aula, em que o tecer e o conversar abrem movimentos de saúde e vida quando: cultiva-se o interesse, estica-se o tempo, anima-se a conversar, confia-se no outro; gestos com os quais ofertamos este ensaio sobre as conversas confiadas como estratégias para alimentar o encantamento na formação.

Palavras-chave: Arte Têxtil. Cuidado. Pandemia. Processos formativos. Roda de conversa.

¹ Doutora em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Integrante do coletivo bell hooks: psicologia e políticas do cuidado (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0973-0934>. E-mail: brunabattistelli@gmail.com

² Doutora em Educação pela UFES. Professora do Departamento de Psicologia da UFES. Atua no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES/PPGPI. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6532-1380?lang=pt> E-mail: jhanainacesar@gmail.com

³ Doutora em Educação pela UFES. Professora do Departamento de Psicologia da UFES. Atua no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES/PPGPI. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5547-5316> E-mail: marcia.roxana@hotmail.com

To weave education processes: between dots, gestures and conversations

Bruna Moraes Battistelli (i)

Janaína Mariano César (ii)

Marcia Roxana Cruces Cuevas (iii)

Abstract

This text aims to make visible care experiences with the education at public universities during the Pandemic, instigating a gestural exercise of attention to what happens in the students in the class. For this, we discuss two distinct experiences; two disciplines in the Psychology course, at the Federal University of Espírito Santo: based on the experience with textile art known as "arpilleras" (first experience) and with conversation circles (second experience); two ways to re-enchant life: weaving and talking. Experiences help us to think about the enchantment of everyday formative processes. We seek to investigate gestures of care in the classroom, in which weaving and talking open movements of health and life when: interest is cultivated, time is stretched, people are encouraged to talk, trust in the other; gestures with which we offer this essay on the conversations entrusted as strategies to feed the enchantment in the formation.

Keywords: Care. Conversation circle. Formative processes. Pandemic. Textile Art.

Hilando procesos de forma-ACCIÓN: entre puntos, gestos y conversaciones

Bruna Moraes Battistelli (i)
Janaína Mariano César (ii)
Marcia Roxana Cruces Cuevas (iii)

Resumen

Este texto-conversatorio pretende visibilizar experiencias de cuidado con la formación en la universidad pública en tiempos de pandemia, instigando un ejercicio gestual de atención a lo que sucede en la menudencia de la sala de clases. Para ello, se hilvanan dos experiencias distintas; dos asignaturas en la Universidad Federal de Espírito Santo, en el curso de Psicología: un laboratorio realizado por medio del arte textil, conocido como *arpilleras* (experiencia 1), y con ruedas de conversación (experiencia 2); dos formas de reencantar la vida: tejer y hablar. Las experiencias nos ayudan a pensar en el encanto de los procesos de formación para los ejercicios cotidianos. Buscamos visibilizar gestos de cuidado que suceden en las clases, cuando tejer y hablar abren movimientos de producción de salud y de vida, cuando se cultiva el interés, se estira el tiempo, se fomenta la conversación, se confía en el otro; gestos con los que ofrecemos este ensayo sobre las conversaciones encomendadas como estrategias para alimentar el encantamiento en la formación.

Palabras clave: Arte Textil. Cuidado. Procesos formativos. Pandemia. Rueda de conversación.

do Chile e que, nos anos sessenta, a artista e cantora popular chilena Violeta Parra (1917-1967) realizou para dar passagem à força inventiva quando já não conseguia cantar.

Desse modo, fazer *arpilleras* é uma prática que convoca a focar em um problema vivido no dia a dia, partilhando, criando perguntas e reflexões nessa partilha. Ao costurar e juntar fios manualmente, praticamos outra temporalidade, mais lenta, criando mais espaço. Ao final, cada ponto realizado é um convite a respirar de outro modo, mais devagar, para sentir o tempo e conseguir expressar nossas problematizações do que vivemos. Sentir e pensar com o corpo; quais pistas podemos aprender com as *arpilleras* para encantar processos de formação em tempos como o que vivemos com a pandemia de Covid-19?

Se, no Chile, nos anos oitenta, fazer *arpilleras* com outras mulheres foi uma via possível de constituição de um corpo mais robusto para o enfrentamento ao terrorismo de Estado vivido à época, no Brasil de 2022 fazer *arpilleras* se constitui em um gesto político de aproximação de corpos. Ao passo em que ao fazer *arpilleras* “se costura para falar” (LIMA, 2018), convidamos você, nossa/o leitora/or ao encontro com práticas e pistas sobre como acionar uma sala de aula em que o cuidado seja o gesto possível, e a qual tentamos sustentar algo vivo, mesmo quando o projeto de morte moderno-colonial se coloca em evidência.

Como se observa no catálogo “Arpilleras da resistência política chilena” (SÃO PAULO, 2011), as pessoas que realizam *arpilleras* denunciam toda forma de sofrimento que viveram por meio de uma expressão cultural. Trata-se de confeccionar painéis em *juta* – tecido que se destaca pela resistência que apresenta e que pode ser trabalhado individualmente ou por grupos de pessoas. Recorda-se que era esse tecido que se usava antigamente para acabamento de sofás e para estocar batatas ou café. Assim, as *arpilleras* (ou “juta” na tradução do português) foram – e ainda são – importantes instrumentos para resistir à violência diante à ditadura comandada por Pinochet (1973-1990) e para dar expressão a distintas práticas de denúncia diante do que se vive no presente. E, o que se vive quando escrevemos este artigo? Governos ultraconservadores/neoliberais nas instâncias municipais, estaduais e federal, pandemia Covid-19, ensino remoto emergencial, retorno híbrido ao trabalho, retorno presencial, aumento desenfreado das desigualdades sociais, com o alarmante número de trinta e três milhões de brasileiras(os) passando fome. Poderíamos seguir citando toda a sorte de precariedades que se possa imaginar, pois como analisam Simas e Rufino (2020), por nossas terras brasileiras, o projeto colonial de desencanto vem dando certo.

Afirmamos a vida, como diz o nome da *arpillera* com a qual iniciamos este artigo (intitulada “A afirmação da vida” e foi composta por teias de mãos coloridas que se ligam às frases: “Para

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas espantar a morte é preciso reinventar a vida”, “Na ausência de abraços que tenhamos ligações conectivas”, “A dor não há de ser inútil” e “Cada vida é resistência”. Essas frases estão ainda conectadas às mãos e, nelas, também se ligam as cirandas de bonequinhas e mulheres. A obra têxtil inicial apresentada na abertura do artigo foi feita por uma de nós à época, no início da pandemia de Covid-19, e sua composição procurou evidenciar a força das ligações das diferenças no tempo em que vivemos isolados, devido à prevenção do contágio do vírus, que vivemos de modo tão intenso nos anos de 2020 e 2021, perseverante ainda hoje de outras formas. Nesse contexto, expressamos a força da vida polifônica, múltipla e conectiva, como um direcionamento ético-político-estético a este novo momento que temos que viver, sendo desafiadas a superar os efeitos do capitalismo na sua produção individualista e competitiva.

Apesar de iniciarmos nossa *conversa-texto* com a apresentação das *arpilleras*, objetiva-se, não obstante, partilhar um alinhavo entre duas experiências distintas; duas disciplinas na Universidade Federal do Espírito Santo, no curso de Psicologia, duas formas (entre muitas) de reencantar a vida: tecer e conversar. Uma tecitura feita fio a fio por duas das autoras deste artigo e que entrelaçaram a outra autora para uma conversa sobre a proliferação de relações que afirmem a conexão entre as diferenças. Proliferar relações de cuidado, mostrar interesse, esticar o tempo, animar, conversar, confiar no outro; gestos com os quais ofertamos este ensaio sobre a sala de aula, ou, melhor, sobre as conversas confiadas como estratégias de alimentar o encantamento.

Com isso, nosso objetivo é visibilizar experiências que cuidem da formação, instigando, assim, um exercício gestual de atenção ao que ocorre no miúdo da sala de aula. Para tanto, como já iniciamos nosso artigo, iremos discutir os gestos do cuidado em sala de aula, em tempos pandêmicos, a partir da experiência com as *arpilleras* (experiência 1), como estratégia conectiva em uma disciplina optativa ofertada a discentes da graduação em Psicologia, e com as rodas de conversas (experiência 2), em outra disciplina para o mesmo curso – esta, obrigatória na grade curricular.

As pistas que desenvolvemos ao longo de nosso texto abordam tramas que produzimos entre dois dispositivos possíveis (o tecer e o conversar); quais os efeitos do tecer e do conversar em tempos em os quais nos foi exigido suspensão de atividades presenciais? O que aprendemos com este tempo de ensino remoto que experienciamos? Como não confundir, nesses tempos, a medida necessária de isolamento social para prevenção à covid-19, com distância social-afetiva? Como ceder o isolamento na aproximação das distâncias?

Pistas em juta: tecer para alimentar as relações

O que aciona a oferta de uma disciplina optativa, em um primeiro semestre de ensino remoto, por uma professora que constitui um kit de costura para confecção de *arpilleras* e que, após isso, não sem dificuldades, entrega-os na casa de suas/seus alunas/os? Que efeitos esse ato produz em tempos em que nos foi exigido como medida preventiva o distanciamento? Há em tempos tão desafiadores a vontade de produzir saúde. A *arpillera* é um convite a experienciar outro tempo, menos veloz e reprodutivo, conectando afetos e expressão na composição com cores, linhas, tecidos velhos reaproveitados. Ela surge primeiramente como modo de expressão para a professora que se reconecta com práticas antigas, que permearam sua infância e juventude, e que auxiliam a encontrar modo de tecer o indizível dos picos pandêmicos mais dolorosos: “Para espantar a morte é preciso reinventar a vida”, “A dor não há de ser inútil”. A partir da confecção dessa primeira *arpillera* então muitas perguntas surgiram em torno dessa arte e aos modos como se criam possibilidades exercício de outro tempo que nos conectam a um movimento de investigação de coletivos de *arpilleras* no Brasil e fez chegar à oferta de uma disciplina optativa a estudantes do Curso de Psicologia no primeiro semestre remoto na universidade, que aconteceu no segundo semestre de 2020. Tal experiência veio a abrir um exercício formativo e fortalecedor intenso.

Linhares e Heckert (2009) convidam a contribuir com a recriação política da vida e da história na formação, dando visibilidade, no processo formativo, a práticas inventivas que superem velhas dicotomias, porque são capazes de compreender as diferentes dimensões que constituem o humano como inseparáveis, sendo coproduzidas às condições materiais de sobrevivência, à cultura, às relações humanas, sociais e políticas.

Almeja-se uma formação como busca permanente de compor novas realidades por meio da intensificação de situações singulares, ampliando as possibilidades de produção presentes, abrindo passo a movimentos instituintes, mantendo vivo o campo problemático por meio da criação e sustentação de espaços de conversa com as redes de saberes e experiências, buscando interferir na ordem das coisas, produzindo desnaturalizações e desconforto (HECKERT; NEVES, 2007) (CUEVAS, 2015) (BARROS, 2009) (DIAS, 2014).

Na disciplina optativa, no convite à realização de *arpilleras*, discentes e docentes encontraram-se semanalmente, de modo remoto, cada um(a) trazido por suas telas de computador, de celular, de notebook – cada um(a) em seu ritmo e a seu modo tecem em pedaços de tecido e juta distintos, com linhas, agulhas, retalhos, em diferentes pontos e aplicações, as imagens e palavras que tocam e fazem diferença naquele presente peculiar. Incrivelmente, estão distantes fisicamente, algumas e alguns a

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas muitos quilômetros de distância das(os) outras(os), no entanto encontram-se remotamente para tecer juntas(os), no mesmo presente.

Ao final dos encontros convidou-se as(os) estudantes, que participaram da realização de *arpilleras*, para escreverem o que a experiência possibilitou. Nesses registros de estudantes, algo que salta é o efeito do exercício em jogo:

Essa experiência me permitiu desacelerar um pouco de tudo, da vida; me permitiu pensar sobre como eu estava me sentindo, fazendo me perceber; me permitiu viver, de fato, a experiência, sem passar batida por ela – seja devido a correria da vida, as exigências do trabalho, da universidade, de tantos acontecimentos sofridos. Essa experiência me fez produzir afetos e, também os receber. Estar aberta a essa experiência, que se diga de passagem, foi muito diferente de tudo o que eu fiz e vivenciei durante minha graduação, me mostrou que há outros modos de formação possível, que não dizem respeito a uma ser melhor ou pior que outro, mas são modos diferentes e, além de tudo, possíveis. Tendo em vista que narrar é contar algo sobre si e/ou sobre o mundo, foi possível presenciar esse processo singular e dinâmico que é o costurar, o *arpillar* (Estudante 1).

Vê-se que a prática do *arpillar* tem efeitos sutis. Enquanto se pensa o que se deseja exprimir na arte têxtil, enquanto se acolhe as linhas e retalhos, enquanto se pontilha, contorna, aplica e recolhe a agulha que atravessa o tecido, enquanto se faz os gestos de tecer, que são físicos, manuais, atencionais, corpora, nesse enquanto, em dobra, outros gestos também viscerais, de modulações subjetivas, formativas, desdobram-se: desacelera-se um pouco de tudo; passa-se anos perceber; viver, de fato, a experiência; produzir afetos e também os receber; cultivando uma possibilidade de construção.

Nesses gestos é quase possível, entre um movimento e outro, espreitar um tipo de silêncio que também acompanha o *arpillar*. Este é feito de presença, interesse, atenção. É vivo. Porém, não está só... nesse silêncio dedicado há um rufalhar dos tecidos, movimentos inquietos do corpo, conversas entre todas(os). Os gestos do tecer são acompanhados de outro gesto: o conversar, feito pelas telas e microfones acoplados. Essa dinâmica também comparece em outros registros das(os) estudantes:

Nesse espaço, na costura, na conversa, no ouvir, no entender se deu UBUNTU. Consegui aprender a costurar com minha mãe e minha avó enquanto conversávamos sobre o significado dessa palavra. Houve formação de um espaço colaborativo! (Estudante 4).

Aqui, o gesto de conversar, ouvir e (co)laborar ganha força como experimentação e o Ubuntu é vivido como efeito, “deu-se UBUNTU”. Essa palavra da língua Bantu, falada por povos da África Subsaariana, e de difícil tradução, inspirou também a Nelson Mandela nas lutas contra o Apartheid

BATTISTELLI; CÉSAR; CUEVAS
na África do Sul. “Eu sou porque tu és”, “Eu sou porque nós somos”, “Eu só posso ser através das outras pessoas” são modos de tentar traduzir uma filosofia, um *ethos* de solidariedade e comunidade, em que se alcança a visão de que uma vida está sempre entrelaçada às outras e que não é possível pensar o bem de um sem considerar a vida de todos os seres. Talvez possamos dizer que Ubuntu é o coração da experiência do conversar, seu mover. A conversa, gesto que vem rareando atualmente, carece do sentido trazido pelo conceito: abertura, interesse pelos outros seres, disponibilidade para ser com os outros. Estava aí a operação de gestos muito sutis na criação desse encontro em sala de aula coletiva.

O que pode o conversar como dispositivo formativo? Uma escrita conversadeira

Num instituto Smithsonian em Washington D.C., está exposta uma colcha diferente de todas as outras no mundo. Com ilustrações caprichosas e inspiradoras, ainda que simples e reconhecíveis, ela retrata a história da crucificação. É considerada rara, de valor inestimável. Embora não siga nenhum padrão conhecido na confecção de colchas, e apesar de ser feita de pedaços e sobras de tecidos sem valor, é notório tratar-se da obra de uma pessoa com imaginação poderosa e dotada de profundo sentimento espiritual. Abaixo dessa colcha, vi uma placa que diz que ela foi feita por “uma mulher negra anônima no Alabama, há cem anos” (WALKER, 2021, p. 216).

Temos com o tempo um encontro necessário e urgente. A força do que nos vem sendo apresentados pelo projeto de mundo neoliberal diz de uma aceleração desenfreada, de uma ideia de progresso que não se consolida. O bordar, em sua materialidade, nos ensina sobre outra forma de tecido, aquele que criamos quando nos pomos a conversar com outras pessoas. A conexão (ANI, 1992), desta forma, surge como um pressuposto epistemológico importante em nossas ações: bordamos, tecemos, conversamos para alimentar a conexão entre as pessoas. E assim, com estes gestos, esticamos o tempo, nos demoramos propositalmente para que algo no entrelinha e agulhas, no entre participantes, no entre silêncios e palavras floresça.

Lembramos que essa escrita é composta por conversas entre três professoras pesquisadoras (duas delas colegas de universidade e a outra trabalhadora em uma universidade no interior do Paraná). Essas conversas traduzem o exercício de aproximar os fios com que tecem os processos de formação em suas salas de aula. Nosso procedimento se inspira nas *arpilleras*, no tecer que vai compondo histórias e ampliando possibilidades a cada pontada. Tecidas de forma fragmentária, com linhas coloridas e trazendo a memória que carregamos em nossos dedos, escrevemos sobre o desejo de tecer uma formação que entrelace os gestos de cuidado, as conversas e pontos. Interessa-nos como vamos alimentando a sala de aula e as relações que compõem a mesma e o quanto precisamos ampliar

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas pontos e alinhavos para pensar que a confiança, o gesto de conversar, o formar uma/um profissional são gestos de complexa intensidade.

Alimentamo-nos dos burburinhos que as conversas incitam, como duas vizinhas que quando conversam por cima do muro que separa suas casas e falam sobre a vida que passa, sobre os filhos, os maridos, sobre o tempo e sobre o preço dos alimentos no mercado. Chamam-se por cima do muro e ali vão tecendo conversas sobre o miúdo de seus cotidianos. Na escola, o burburinho da entrada, do recreio e da saída fazem vozes se misturar, são crianças e adolescentes que misturam suas vozes sobre os mais diversos assuntos, entrelaçam-se por interesses diversos. Na universidade, o mesmo movimento surge, na entrada, saída e intervalo as conversas soam alto ao longo dos corredores e pátio. Outrossim, na sala de aula tudo fica mais silencioso. Quando a professora se põe a apresentar o tema da aula, não se ouvem outras vozes que não a da docente e as/os alunas/os falam somente quando chamadas/os a responder alguma questão. A fala solta que escutamos nos corredores antes da aula se esvai quando o tema da conversa passa a ser os conteúdos das disciplinas. O que pode o conversar como dispositivo formativo? E como dispositivo de pesquisa? De intervenção?

Ouve-se correntemente falar no conceito “conversa fiada”. E a expressão: estamos jogando conversa fora? Perguntamo-nos o que seria uma conversa fiada. Como jogar uma conversa fora? Fiar, verbo com múltiplos sentidos, entre eles, aliançar, confiar, acreditar. Dessa forma, uma conversa fiada seria uma espécie de conversa confiada, entre sujeitos que se põem em aliança. Em tempos de pandemia de Covid-19, na qual o ensino remoto foi a realidade para que continuássemos o trabalho, preocupamo-nos: como produzir confiança? Um tema que não é novo para quem escolhe o trabalho docente. Estar em uma sala de aula na qual as/os alunas/os trazem consigo as marcas de diversas formas de opressão e violência.

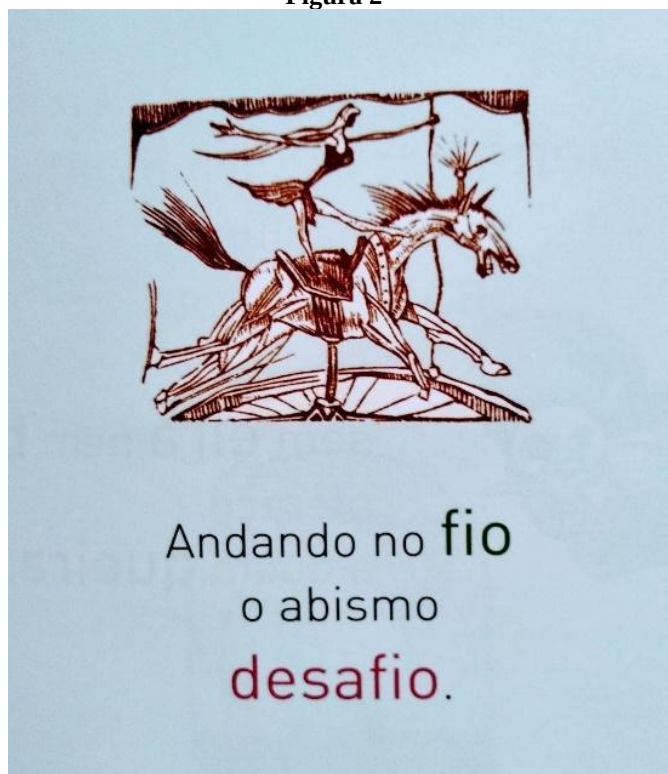
Somos três pesquisadoras-docentes interessadas em verbos como conversar, fiar e tecer que se relacionam com pesquisar, formar e ensinar. Verbos que falam de um gesto de estar juntas com o corpo todo, de forma inteira (LORDE, 2020). Desta forma, atamos e desatamos nós e costuramos ou customizamos essa escrita desde os fios de nossas experiências (dialogam com os territórios existenciais distantes e, ao mesmo tempo, próximos). Duas de nós se conhecem presencialmente, trabalham juntas em uma mesma universidade (Ufes) e a outra conheceu as duas por intermédio do Grupo de Trabalho Subjetividade Contemporânea, ligado à Anpepp. Falamos desde o estado do Espírito Santo e do Rio Grande do Sul e, para esta escrita, construiu-se uma ponte a partir das memórias do exercício do tecer. Tal perspectiva torna as autoras deste texto, assim, tecelãs da existência (FREIRE, 2014).

Encontramo-nos no desejo de versar uma escrita conversadeira, e para isso alimentamo-nos de materiais, conceitos, experiências que respeitem o espírito desta produção. Alimentamo-nos com a experiência de outras mulheres intelectuais que, assim como nós, desejam um pensar que se ative desde os dedos que se encontram com as agulhas e com as linhas, que se ative desde a pele, as batidas do coração, desde o ritmo de nossa respiração; uma escrita inspirada em uma forma de pensar que passa por todo o corpo, que vem desde o chão e alcança os céus, como se pratica na própria arte têxtil, com distintas agulhas que costuram e tecem nesse movimento que vai desde a terra, sentindo e expandindo o presente, nossos passos nesta terra, neste tempo presente, alçando-se a voos arteiros de produção de possíveis.

Silvia Cusicanqui (2018), socióloga boliviana e aymara afirma que há diferentes formas de exercitar o pensamento e a oralidade. Para os Aymara (povo nativo em regiões da Bolívia, Argentina, Chile e Peru), pensar e conhecer tem dois significados: um que passa pela cabeça e um que passa pelas entranhas, o intercâmbio com o mundo, desta forma, passa por muitos outros caminhos que o pensamento racional. Para a autora, o pensar tem a ver com a memória, com as múltiplas memórias que habitam as subjetividades em nosso continente. Sobre a oralidade, Silvia afirma que tem muitas formas de exercício dela: que há a oralidade mais íntima, a conversação do dia a dia e a oralidade dos discursos políticos; ela entende, enfim, a oralidade como uma performance, que varia conforme o lugar e as pessoas envolvidas. Assim, como nos fala que o bordado deve ser orientado do chão para o céu, agindo como tecelãs da conversa fiando os fios que se entrelaçam neste artigo.

Os fios também nos fazem lembrar dos malabaristas, que desafiam a gravidade e a altura, tracejando, fiando um caminho e com seu caminhar desafiam o abismo. Des(afiar), desfiar, fiar são desdobramentos que nos acompanham. Afrontamos o abismo com os nossos corpos e existências, convidamos outras pessoas a estarem juntas conosco, e damos fios para que a conversa possa se espichar no tempo. Como equilibristas, sentimos o abismo, não o negamos, ele está à nossa frente: pandemia por Covid-19, negacionismo quanto às práticas da ciência, governo ultraconservador, projeto colonial funcionando a pleno vapor, tecnologias de comunicação e informação expandindo-se como solução, telas e mais telas.

Figura 2 –



Fonte: COLASANTI, Marina. **Mais classificados e nem tanto.** Ilustração Rubem Grilo. Rio de Janeiro: Record, 1ª Edição, 2019.

O andar nesse fio trêmulo e abismal foi sentido e desafiado nos encontros “arpilleros”, vagarosos no tempo, intensos nos movimentos. Assim uma estudante compartilha que

sentia muita raiva enquanto bordava qualquer coisa que fosse e ainda não consegui entender muito bem o porquê disso. Talvez pela linha que embolava e insistia em não passar pela agulha. Talvez pelas comorbidades que se instalaram no meu corpo durante o isolamento social, aliada a péssima experiência do Ensino remoto. Talvez pela tristeza de ver o mundo tão pelo avesso assim, atravessando o meu corpo das piores formas possíveis enquanto uma mulher preta num país que está constantemente tentando nos matar. Ou então pela falta de esperança que insistia em bater em minha porta, me deixando cansada das constantes lutas tentando impedir que ela entrasse (Estudante 3).

Aprendemos que a pandemia da Covid-19 se mostrou na verdade como uma pandemia de todas as formas de opressão (NOGUERA, 2020). Mais que o contágio de um vírus, a pandemia inflamou feridas graves abertas na vida histórica de nosso mundo e no País: racismo, violências de gênero, a

fome, a pauperização da existência, a possibilidade para alguns de cuidado e tão pouco para outros de resguardo, de prevenção.

Uma jovem então tece junto com outras colegas raivosamente, insistentemente, atentamente, costura... ponteia... desafiando o abismo da morte colonialista, da morte planejada, por desencanto, por cansaço. Luta para esperar. Desafia não um vírus, este não é o maior inimigo, mas o que quem quer vê-la morta. Ao contrário, é preciso saber tirar sabedorias de eventos como a Covid-19 (PRECIADO, 2020). O contágio, a reinvenção de suas formas, a capacidade de modificações de suas partes, resistência e força de existir. E, isso, habitando a borda, o bordar e o conversar.

Rodas: Fiar conversas como dispositivo de cuidado e resistência

A chegada da notícia, em meados de março de 2020, do alastramento alarmante da pandemia de Covid-19 e a necessidade de iniciar um tempo indefinido de isolamentos e trabalho remoto, desde o início não se deu de forma tranquila para ninguém. Na sobreposição das notícias que não cessavam de chegar, a cada instante, surpreendíamos-nos, indignávamos-nos, diante da cruel realidade vivida no Brasil que afirmava a escalada galopante de uma necropolítica que insistia na produção do desaparecimento de vidas. Antes de completar um mês de trabalho remoto, a tabela com o registro das mortes diárias, tão divulgada nos meios de comunicação e redes sociais, faziam-nos sentir tristeza profunda pelas vidas partidas e, ainda mais, no temor de que muitas mais aconteceriam neste momento histórico vivido.

Em início de maio de 2020, quando anunciada a morte de Aldir Blanc, fomos tomadas por uma força diferente da tristeza de perder amigos, familiares, pessoas amadas, sem mesmo tê-las visto e poder se despedir delas e deles. A velocidade da chegada da pandemia, dos processos produtivos vividos, a ameaça e perdas conquistadas no Brasil no âmbito do direito e ao combate às desigualdades, a ampliação de um estado de instabilidade, sabíamos que estávamos lidando com um luto muito mais amplo, tratava-se de perdas coletivas, de ataques a conquistas históricas que nos deixaram e deixam sem ar, ao igual que o vírus que nos acometia naquele momento, sem perspectiva de vacinas. E, nesse momento de dor profunda, na despedida de Blanc, foi-nos colocado um fio para esperar nesse contexto,

Mas sei que uma dor assim pungente

Não há de ser inutilmente

A esperança

Dança na corda bamba de sombrinha

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas

E em cada passo dessa linha
Pode se machucar.
(BOSCO; BLANC. “O bêbado e a equilibrista”).

Nesse verso acima, cantado e sentido no corpo, “des-afiamos” nossa tristeza; se os poetas nos convidam a ver em nossa dor a esperança, mesmo nos machucando, lembramo-nos, nesse contexto, que necessitávamos expressar e estabelecer outra experiência com o tempo que tanto já se colocava como “novo normal”, como captura, já que, agora, em tempo pandêmico e remoto, nosso trabalho passou a ocupar a existência isolada no interior de nossas residências. Como esperar nestas condições? Com Freire (1997) afirma-se que a esperança, necessidade ontológica de homens e mulheres, não será inútil na medida em que esteja ancorada na prática, no exercício cotidiano em que fazemos e construímos esse esperar.

Como se forma um tecido? A conversa como uma arte do encontro, que se instalada a partir de uma poética do tecer, é assim, exercício dotado de imaginação, intimidade e dotado de esperança por um projeto de mundo mais justo. Muitos fios são necessários em um entrelace que permita que algo novo se forme. Quando nos sentamos em roda, o desejo é que um novo tecido se forme com existências múltiplas, no qual cada uma traz um pequeno pedaço de oferta. Não seria uma roda de conversa como aquelas colchas de retalhos que as mais velhas faziam para afastar o frio dos seus? Assim, entrelaçamos fios desde nossas experiências como autoras, mulheres, professoras, pesquisadoras, filhas, amigas, companheiras, extensionistas, donas de casa, desde nossas experiências como três mulheres que, em suas diferenças e semelhanças, vivem o Brasil em suas violências, em suas dores e em suas potências. A expressão do tecido parte de nossas memórias, desde a pandemia.

A pandemia da Covid-19, em seus atravessamentos no âmbito da Universidade e da formação de modo geral, abriu um tempo intensificado de operações remotas para atender a estratégia preventiva de distanciamento social. No entanto, em nossa experiência e sabemos também na de muitas/os outras/os colegas, incrivelmente se abriu também um tempo feito de reexistências, com muitas estratégias de conversa, em que o manejo com fios muito sensíveis porque também flexíveis gesta(va) uma teia tênue, que encorpada é (foi) muitas vezes berço, amparo, apoio, ar. Condição de travessia na dor, na separação, no absurdo e na renormatização.

O que é uma conversa? Pergunta que nos fazemos, mas que não temos pretensão de responder, pois o que nos interessa é o exercício de um gesto, relativamente simples, mas de uma complexidade imensa. Hooks (2021), no livro “Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática”, afirma que a

conversa é uma potente ferramenta de aprendizagem, pois, para ela, é no compartilhamento de nossas experiências, de nossas memórias, de nossos saberes que fortalecemos as comunidades engajadas de aprendizagem. A autora é interessada em um tecer que nos aproxima: alimentar comunidades engajadas em que a aprendizagem possa ocorrer no coletivo, na partilha, no estar juntas/os. Como afirma Nogueira, “nós precisamos da arte de compartilhar para viver” (NOGUERA, 2020, p. 4).

Nesse momento, lembramo-nos da segunda experiência que nessa escrita queremos compartilhar, aliada à arte da *arpilleras*. Trata-se também de um convite a estudantes, realizado na superfície de trabalho de uma disciplina obrigatória, na graduação em Psicologia. Essa disciplina ofertada de modo remoto no ano de 2021 tinha como ementa o estágio básico no campo educacional. No ensino remoto, resistimos à oferta do estágio, pela dificuldade de sustentá-la de outro modo que não presencial, e quando não pudemos mais manter essa posição, precisamos criar modos de nutrir os encontros de sala de aula na aliança com trabalhadoras(es) do campo da educação básica.

O desafio de fazer de modo remoto, algo que para nós sempre foi tão importante e potente como as práticas de estágio, parecia tarefa impossível, e mobilizou muitos esforços para estratégias de vínculo, de acionamento nosso e das/dos estudantes. Construir atividades nessa primeira disciplina de estágio obrigatório da grade curricular era desafiador presencialmente pelas experiências que inaugura para discentes, pelo cuidado que sempre solicitou, mas fazê-la no ensino remoto emergencial parecia impensável. A investida foi então de cogestar com as/os estudantes rodas de conversa, convidando à partilha trabalhadoras/es do campo da educação, estudantes da educação básica, gestoras/es nesse campo. Para que essa experiência cogestionada, que também constituía um aprendizado, pudesse acontecer, reuníamos-nos com pequenos grupos de estudantes para a produção dessas rodas.

As rodas de conversa foram uma aposta feita a partir do alimento da confiança mútua e sustentada por fios miúdos da vida. A pequenez da vida, frente a imensidão da pandemia por Covid-19 e de todas as violências que se acirraram nos últimos anos, precisa ser preservada e carece de dispositivos que possam acolher e cuidar, assim como ensinar e formar. Assim, reunir-se, pensar juntas, convidar outras/os profissionais e estudantes tem como intenção visibilizar os pequenos movimentos possíveis da vida e compartilhá-los. O que surge na conversa? Bell Hooks (2021) afirma que uma “conversa genuína é compartilhamento de poder e conhecimento; é uma iniciativa de cooperação” (p. 83). Como conversar em uma vida mediada por frestas? Não estamos falando de vizinhas que conversam em suas janelas em um pequeno prédio residencial; no entanto, das janelas que invadiram nossas vidas ao longo da experiência do ensino remoto.

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas

Como começamos uma conversa? Em uma manhã de sexta-feira, na sala de aula online, cada uma das quatro estudantes surge em sua pequena janela na tela. Aquele grupo já tinha iniciado seus trabalhos naquela semana, quando convidou a turma para um encontro que buscava aquecer e mobilizar a roda de conversa com convidadas/os que viriam na outra semana. Cada grupo cuidava junto com as docentes de dois encontros nesse dispositivo formativo: o primeiro se dava com a turma em que, na inspiração dos círculos de cultura freirianos (FREIRE, 1991), púnhamo-nos a conversar, dialogando entre nós a partir de uma problematização disparadora que se constituía na aproximação de leituras de textos básicos. Assim, as estudantes chegaram para esse encontro entre nós, na orientação coletiva, um pouco apreensivas, parecendo que algo as entristecia, e elas assim começam a pedir desculpas. Desculpavam-se por descobrirem que não sabem bem realizar esse exercício que a disciplina pedia, que não conseguiam “fazer direito” a proposta, que ficaram explicando muito, centralizaram a fala. Elas apontavam que na formação até ali aprenderam a realizar seminário, a fazer palestra, a apresentar trabalho, “mas isso que é fazer um trabalho que envolve conversar... a gente nunca teve antes, então não aprendemos a fazer” (FALA DE ESTUDANTE).

A conversa, então, modo tão habitual, não parecia ser algo natural. Você aprendeu a conversar com quem? Foi na universidade? Ou no cotidiano de sua vida? O aprendizado da conversa é um exercício de doação (BELL HOOKS, 2021), em que se renuncia a um exercício de dominação sob o outro. E afirmar essa cena nos ajuda a pensar no quão difícil pode ser conversar em uma sala de aula. Precisamos nos colocar ao lado de nossas colegas estudantes, em um tecer que não se dá na solidão, na *sozinha*.

A disponibilidade e franqueza com que o grupo se colocava nesse dia foi e é muito tocante. Tocante também essa sensação de ter de saber de antemão, de pedir desculpas por não se sentir pronto, quando a matéria do aprendizado é precisamente poder experimentar. Nesse ponto, o que o grupo traz de modo conclusivo sobre si se torna nossa questão de trabalho: então conversar não é coisa desde sempre sabida? Não é experiência corriqueira já embutida em cada um, cada uma? Conversar é operação aprendida. Aprendizado individual? Com que fios tecemos esse aprendizado? E é toda conversa que nos interessa? O que envolve uma conversa interessante? De que modo (se) tece? Como se sustenta?

É curioso que algumas semanas após o problema do conversar, de tecer conversa, apareceu com outro grupo nessa mesma experiência de estágio (estágio de conversa, seria?), desta vez em uma orientação coletiva com cinco estudantes; a roda de conversa que mobilizavam versava sobre a experiência da “Educação do Campo”, que é uma política existente no Espírito Santo e de

significativo lastro de experiências. Falava-se sobre os textos que poderíamos trazer ao círculo de cultura com a turma, sobre as/os possíveis convidadas/os para a Roda; no meio uma das estudantes diz que não estava se sentindo muito confortável com a atividade, que sentia que talvez não pudesse contribuir com o grupo.

A referida estudante dizia perceber que cada uma ali tinha alguma relação pessoal com o tema da Educação do Campo, cada uma tinha algum laço, seja por ter estudado em uma escola do/no campo ou pelos vínculos familiares com povos tradicionais, ligados também a essa política de educação. No caso dessa estudante, esta dizia não ter nenhum vínculo, nenhuma relação pessoal para disponibilizar, o que parecia deixá-la em uma posição difícil por não ter requisitos para poder entrar na conversa. Ela compartilha que havia sentido que nas rodas de conversa que realizávamos as pessoas acabavam expondo experiências pessoais e ela não tinha nada para expor, nada para ofertar.

Novamente, quantos fios interessantes disparados pela questão que a colega discente partilha! Sem isso, sem possibilidade de conversar e abrir nossos medos e incertezas, tão mais árido seria! Mas, porque se partilha, ganha-se “um algo a mais” para nosso ato de fiar, um novo ponto para espreitar. E, assim, “no não saber como contribuir” uma doação já está ali em movimento, colocando-nos o problema da conversa, ampliando-nos: mas quem pode conversar? Quem pode conversar é quem viveu algo daquilo sobre o que se conversa? Há pré-requisitos? Conversar exige se expor? Essa exposição é pessoal? Pensando em intelectuais como Audre Lorde (2020) e Bell Hooks (2012), podemos aproximar o tema da conversa da experiência de nos sentarmos à mesa com outros sujeitos. As autoras nos convidam a pensar a partir dessa imagem: como nos sentamos à mesa com todas as nossas diferenças? E como lidamos com as diferenças e os conflitos que podem surgir daí?

Consideramos que essas são boas questões, trazidas com os grupos na experimentação de fazer rodas de conversa, surgidas no estranhamento com a construção do dispositivo e com a não familiaridade com algo que parecia tão íntimo, tão corriqueiro: conversar. Torna-se interessante, então, pensar que, de modo geral, tantas e tantos jovens estão imersos na atualidade em redes interconectadas [guardamos a noção de rede social propositadamente para uma experiência de outra natureza], que permitem que as pessoas de modo online realizem trocas, partilhas, exposições etc. A frequência com que procuramos e habitamos esse tipo de rede aponta um curioso descompasso: podemos ser muito hábeis nesse modo de comunicação e conexão, no entanto, essa habilidade não é garantia para a experiência da conversa. Conversar parece pedir outros modos de fazer rede, de sentar-se à mesa, outras manualidades; exige uma série de gestos cultiváveis e cultivados conjuntamente, efeitos de exercícios de costuras, alinhavos, bordejos.

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas

Nesse ponto, voltamos a um bonito aprendizado partilhado por uma estudante no movimento da arpillaria, quando diz:

E enquanto ia costurando, refletia sobre o que aconteceria se eu encarasse meus projetos pessoais com a mesma leveza e permissão para errar que eu estava incorporando no aprendizado da arpillaria (Estudante 5).

Precioso aprendizado da arpillaria! Leveza e permissão para errar, para desfazer, para remontar... não estariam aí também preciosos exercícios do *tecer* a vida, do *tecer* conversa? Não é disso que fala outra estudante?

Vivenciei as *arpilleras* como linguagem, afeto, modo singular de compor uma outra perspectiva ou expressão [...] ao construirmos esse espaço de expressão e conversa, podemos pensar em caminhos possíveis, constituindo demandas e questões, escutando o outro e podendo nos escutar, por meio da arte de bordar (Estudante 2).

Talvez não à toa, recordamo-nos de uma imagem que nos acompanhou muitas vezes ao longo desses semestres online. Prenunciando a cada semana os encontros remotos, abríamos as salas online, abríamos uma janela para nossas casas, para aguardar colegas discentes, com a oferta de uma palavra cantada ou declamada.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(MELO NETO, 1994)

O poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto nos ajudava a acordar o sentido dos encontros semanais: Tecer a manhã, uma manhã, amanhã. Na poesia, vibramos com a imagem do nascer de uma manhã... esse surgimento gestado na operação de uma tecitura... São gritos de cada galo que

BATTISTELLI; CÉSAR; CUEVAS

lançados de um a outro, apanhados de um pelo outro, relançados de um a outro, cruzados uns com os outros com(o) os fios de sol faz surgir a manhã, primeiro *teia tênue*, que no tecer entre os gritos agenciados de ar e sol, se encorpa em *tela*, e misturada com todos (galos, gritos, ar, sol, céu) se ergue *tenda*, no “*entretendendo*” para todos se faz *toldo*, *tecido* aéreo... tão sutil e delicado, poroso e arejado, tão firmemente entremeado, que se eleva por si: agora é luz balão.

A imagem do fiar esse “tecido manhã” é aquela que aqui nos ajuda a acompanhar a conversa como um problema e um problema de “fiação”. Neste trabalho, apontamos que conversar, tal qual a manhã, não pode ser tecida por um ser sozinho, humano ou mais que humano. Não é habilidade ou aparato já disponível em nós. É aprendida e renovadamente reinventada. É processo, mais que movimento acabado, palavra concluída, pensamento dado. É laboriosa. Dá trabalho. Cabe o ponto indeciso, o conflito, a linha trêmula. Exige disponibilidade ao movimento de tecer, sentar-se à mesa com as diferenças e fazer da conversa uma arte. É feita com todo o corpo, tal qual a aranha que de seu abdômen e não de sua boca, excreta a seda com que fia a teia. Não é função comunicativa, aparato falador.

Nessa direção, vamos aqui cada vez mais aproximar a artesanania das tecelãs com a conversa como arte, tentando pensar políticas formativas fiadeiras ou conversadeiras. Nossos fios são as próprias vozes e gestos, que entre palavras, silêncios e movimentos vão compondo uma comunidade de tecelãs que tem as existências como tecido:

A distinção da própria voz se apresenta em graus variados, conforme o grau da escuta de si, de modo que a escuta de si próprio é o primeiro passo no caminho em direção à escuta do outro. Parece-me que quanto mais ouço a mim mesma, mais ouço o outro. Por isso, a percepção de si está sempre vinculada à percepção do outro (MARA FREIRE, 2014, p. 569).

E nossos interesses são em práticas que abram caminhos e condições para múltiplas formas de sentir o pensamento, de deslizar os conceitos por entre os fios da vida das/os envolvidas/os. Catherine Walsh (2019) afirma que as práticas educacionais que visam a descolonização, o enfrentamento das lógicas da modernidade colonial, ainda presentes em nosso cotidiano, precisam ser fiadas desde os fios da memória coletiva, em uma aposta de que a memória da tradição, dos muitos coletivos que compõem nosso País, de povos castigados, de saberes exotizados pela razão colonial, são fios que permitem um saber que afronte o projeto colonial que por aqui foi disseminado.

Inspirações finais

Aqui em cima, o tempo também tem outra consistência. É como se não passassem da mesma maneira, as horas. Como se não durassem a mesma coisa, os dias, nem

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas tivessem a mesma cor, nem o mesmo sabor. O tempo aqui é feito de outra substância, de outro valor (SOLÁ, 2021, p. 81).

Ao passo em que nos propomos a pensar práticas, gestos de cuidado com os quais fiamos nossas salas de aulas e por consequência a formação de nossas/os alunas/os, a dimensão do tempo se torna fundamental no processo. Um espichamento do tempo da presença, em tempos de incertezas e distanciamento social foi imprescindível para alimentar a conexão com as/os estudantes. Qual a consistência que o tempo tem em suas aulas e propostas metodológicas? Quais as conexões que temos alimentado em nossas práticas pedagógicas?

Pensando com as *arpilleras*, com as conversas, com o estar em roda, com as cartas e todas as ferramentas possíveis de estar com as/os nossas/os alunas/os, propõe-se a habitar o fazer docente a partir de um tempo esticado ao máximo, no qual as manualidades, o olhar no olho, a presença sentida, o interessar-se genuinamente pelo outro sejam gestos de cuidado com e na formação. Não há como formarmos psicólogas/os, professoras/es, seres vivos sem que ajamos com coerência para com as/os referenciais teóricos que utilizamos. O tecer e o conversar como inspirações para uma prática do cuidado, uma ética do estar presente em intensidade, pois, no fundo, nossos movimentos são para constituir uma sala de aula na qual as relações sejam aliançadas com o encantamento, com as muitas histórias que podem surgir, com o estar e pensar de e com o corpo todo. O cuidado, então, é um tecido composto por muitas linhas e com muitas pessoas, um tecido poroso, por entre os fios passam muitas histórias e vidas; a partir do qual nos é possível experimentar a contaminação necessária a nossa sobrevivência (TSING, 2022).

Se as experiências que narramos ao longo do texto aconteceram em um período peculiar e com importantes atravessamentos biomédicos (distanciamento de corpos para evitar contágios por meio da crise de Covid-19), elas seguem conosco e as compartilhamos por entender que elas oferecem pistas para o estar junto em sala de aula, seja ela remota, híbrida ou presencial. O encantamento, desta forma, só é aquecido por meio de nossos gestos na condição de basearmos nosso trabalho em um acionamento do corpo como um todo: conversar, estar presente por completo, e, por isso, tecer estratégias que nos impliquem em presença, compor conversa com as artes manuais e com as rodas é tão fundamental.

Referências

ANI, Marimba. **Yurugu**: An African-centered critique of European cultural thought and behavior. University Libraries, Michigan ST. 1992.

BARROS, M. E. B. Prefácio: Então... Como fazer da vida uma obra de arte? *In*: SOARES, M. C. S. **A comunicação praticada com o cotidiano da escola: currículos, conhecimentos e sentidos**. Vitória: Espaço Livros, 2009.

BOSCO, J.; BLANC, A. **O bêbado e a equilibrista**. Rio de Janeiro: WEA. CD-ROM. Duração 3:47.

CUEVAS, M. R. C. **Conversar e tensionar na formação (des)continuada inventiva/inclusiva: cartografia de uma escola-território**. Orientador: Hiran Pinel. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, [S. l.], 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1678/1/CONVERSAR%20E%20TENSIONAR%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CUSICANQUI, S. R. **Un mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis**. Buenos Aires: Tinta limón, 2018.

DIAS, Rosimeri. O. **Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Vozes, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MARA FREIRE, Ida. Tecelãs da existência. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, pp. 565-584, 2014.

HECKERT, A. L. C.; NEVES, C. A. B. Modos de formar e modos de intervir: quando a formação se faz potência de produção de coletivo. *In*: PINHEIRO, R. et. all (Org). **Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas**. 1ªed. Rio de Janeiro: IMS/UERJ-CEPESC-ABRASCO, 2007.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HOOKS, Bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LIMA, M. S. P. **Arpilleras: o bordado como performance cultural chilena, em favor do drama social**. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Performance Cultural) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

LINHARES, C. F. S.; HECKERT, A. L. Movimentos instituintes nas escolas: Afirmando as potências dos espaços públicos de educação. **Revista Aleph: Formação dos Profissionais da Educação**. ISSN 1807-6211, n. 12, jun. 2009.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Fiando processos de formAÇÃO: entre pontos, gestos e conversas

MELO NETO, J. C. **Obra completa**: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345.

NOGUERA, Renato. **Afro-anarquismo**: malandragem e preguiça. Edições N-1. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/101>. Acesso em: 1 jul. 2020.

PRECIADO, Paul. **Aprendendo do vírus**. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/007>. Acesso em: 21 ab. 2020.

SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Arpilleras da resistência política chilena**. Curadoria Roberta Bacic. Apresentação Marcelo Mattos Araújo. São Paulo: Pinacoteca do Estado. 2011. Disponível em: https://cain.ulster.ac.uk/conflicttextiles/mediafiles/178_2011-07-30_Sao-Paulo_catalogue.pdf. Acesso em 7 de nov. 2022.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SOLÀ, Irene. **Canto eu e a montanha dança**. São Paulo: Mundaréu, 2021.

TSING, A. L. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder. **Revista eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**. v. 5, nº 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 15 ago. de 2022.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 15/08/2022
Aprovado em: 12/11/2022